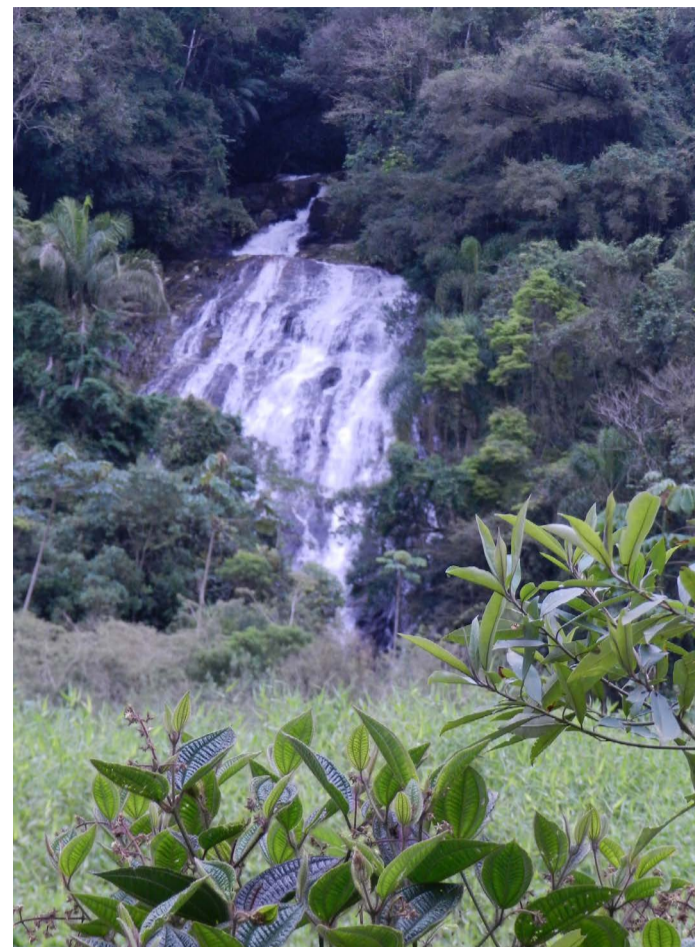


Uma lição da natureza que não deve ser esquecida

No momento em que esta matéria é escrita, vários municípios do Vale do Itajaí estão mais uma vez sofrendo com enchentes ou em estado de alerta emitido pela Defesa Civil para deslizamentos e alagamentos. Quem passa por uma experiência assim jamais esquece. Mas às vezes as marcas são mais profundas. Em menos de um mês, exatamente em 23 de novembro, completam-se sete anos da tragédia que atingiu a pequena cidade de Ilhota. O deslizamento de grandes partes do Complexo do Baú carregou casas, empresas, pontes, estradas, prédios públicos e ceifou 32 vidas. Um corpo, da bebê Larisa Martendal, continua desaparecido. Naquele espaço está instalado o Parque Botânico Morro do Baú, o primeiro a ser criado no estado, em 1961, pelo padre, botânico e historiador Raulino Reitz. Hoje, a área, pertencente ao Herbário Barbosa Rodrigues, de Itajaí, está praticamente abandonada, situação que a prefeitura de Ilhota procura reverter. Tanto que já decretou, em janeiro, a criação do Parque Natural Municipal Morro do Baú. Agora finaliza negociações que passam pela Fundação do Meio Ambiente (Fatma), Casa Civil e BMW para a compra do parque, colocado à venda por R\$ 600 mil. Uma das intenções é fazer ali um memorial às vítimas da tragédia de 2008. A **Coluna Pelo Estado** conta nessa matéria especial um pouco da importância da área e de como estão as tratativas. Na foto ao lado, a maior cachoeira existente na reserva. Todo o terreno que aparece em primeiro plano, já coberto por vegetação, é uma consolidação nova. Foi formado pela terra que escorreu do morro em consequência do longo período de chuvas registrado em 2008.



Andréa Leonora/CNR-SC

Está para mudar de mãos o Parque Botânico Morro do Baú, em Ilhota, município do Vale do Itajaí. Criado em 1961 pelo padre, historiador e botânico catarinense Raulino Reitz, o parque de 750 hectares de Mata Atlântica vinha sendo mantido pelo Herbário Barbosa Rodrigues, organização não governamental (ONG) proprietária da área e também criada por Reitz. Por falta de condições financeiras para cuidar da reserva, especialmente depois dos deslizamentos causados pelas chuvas de 2008 e que modificaram o relevo da região, a direção da ONG colocou o parque à venda pelo valor de R\$ 600 mil.

Na verdade, a propriedade tem valor inestimável do ponto de vista ambiental e histórico. A bióloga Beloni Terezinha Pauli Marterer, analista técnica ambiental da Fundação do Meio Ambiente do Estado (Fatma), é autora do livro “Avifauna do Parque Botânico do Morro do Baú”, resultado de sua tese de Mestrado em Biologia, com especialidade em Ornitologia. Para ela, a área é de grande importância para a conservação da biodiversidade por conter ainda mata primária e guardar espécies endêmicas (encontradas apenas naquele bioma) e outras ameaçadas de extinção, que têm ali as condições ideais para viver e se reproduzir.

Hoje, Beloni se declara uma apaixonada pelo espaço que es-

tudou ao longo de dois anos. “O parque foi criado quando ninguém sequer falava em conservação da biodiversidade. Na floresta com boa qualidade ambiental existe biodiversidade elevada. E é o que encontramos em toda aquela área”, ressalta.

Quem vai comprar?

As negociações entre a prefeitura de Ilhota e a direção do Herbário Barbosa Rodrigues, com sede em Itajaí, para a transferência de propriedade do Parque Botânico Morro do Baú se estendem há algum tempo. O prazo de 100 dias para que a prefeitura pagasse pelo terreno já expirou e outros interessados entraram na negociação – além da Fundação Hermann Weege, proprietária do Zoológico de Pomerode, há ainda uma professora da região, dedicada à educação ambiental,

e um empresário brasileiro que atua na África. Seus nomes não foram informados.

A Prefeitura

Mesmo diante da indefinição, o Executivo municipal fez as suas movimentações com dois decretos. O primeiro, de 5 de janeiro, criou o Parque Natural Municipal Morro do Baú; e o segundo, de 15 de outubro, declarou o domínio de utilidade pública para fins de desapropriação.

À frente do projeto, o secretário municipal de Turismo, Altamir dos Santos, contou que a primeira definição foi a garantia de repasse de R\$ 2,4 milhões de compensação ambiental da BMW, pela instalação da unidade de Araquari. Mais recentemente, após reunião com a ministra do Meio Ambiente, Izabella Teixeira, foi definida a destinação de

outros R\$ 250 mil de compensação ambiental pela duplicação da BR-470, que virá pelo Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (DNIT).

“Precisamos abraçar o Morro do Baú e aprender definitivamente a lição que ele nos deu, evitando a ocupação irregular e atividades inadequadas para aquele solo e aquela topografia. Aquelas mortes não podem ter sido em vão”, observou o secretário.

A Fundação

O gerente executivo da Fundação Hermann Weege, Maurício Bruns, explicou que a entidade se retirou da negociação por conta dos decretos municipais. “Declinamos da compra, mas temos interesse em participar do esforço como apoiadores. Entraríamos nesse projeto não mais

como proprietários, intenção inicial, para fazer uma Reserva Particular de Patrimônio Natural (RPPN), que tem as mesmas características jurídicas de uma unidade de conservação, porém é privada. Agora, cogita-se em firmar um termo de convênio para ajudar na implantação do parque, no desenvolvimento do plano de manejo e na administração. Mas tudo depende de conversações.”

Burns não demonstra frustração com o rumo das negociações, mas defende que é preciso buscar harmonia para definir a trajetória do parque. “Contanto que se perpetue a conservação de tudo o que está lá, do refúgio natural que a área representa, está perfeito. Mas é preciso pensar na subsistência da unidade, uma vez que é notória a falta de recursos públicos, principalmente no âmbito dos municípios.”



Agência AL

agente de Saúde e conhecia várias das pessoas que morreram no episódio que ganhou repercussão na imprensa nacional e internacional. Ele mora no Baú desde 2005 e acompanhou tudo o que aconteceu. Hoje, é responsável por verificar a situação das encostas todos os dias. Junckes resume os sentimentos que tomam a população local em longos períodos chuvosos: “Angústia e medo”.

“Angústia e medo” - A reportagem da Associação dos Diários do Interior (ADI-SC) esteve em Ilhota dias antes de a Defesa Civil declarar alerta para deslizamentos e alagamentos. A chuva persistente e por vezes intensa das últimas semanas, trouxe à memória dos moradores da cidade a tragédia que mudou as vidas de centenas de famílias.

Na madrugada do dia 23 de novembro de 2008, três grandes deslizamentos de terra no Complexo do Baú destruíram casas, empresas, estradas, pontes e prédios públicos. Trinta e duas pessoas morreram e um corpo, o da bebê Larissa Martendal, não foi encontrado até hoje. Além das chuvas fortes que encharcaram o solo, contribuíram para o deslizamento a ocupação inadequada de trechos do complexo com plantação de pinus e bananeiras e ainda a explosão na tubulação do gasoduto que corta a região, provocada pela movimentação da terra.

Anilton Ricardo Junckes trabalha na Defesa Civil de Ilhota, mas, na época, era